

## **O TRABALHO NO CONCELHO DE ALMADA**

*Marinús Pires de Lima*

Investigador Principal do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e  
Professor Universitário do ISCTE

### ***1. Introdução***

Neste texto, trataremos sucessivamente das seguintes questões: população activa, emprego e desemprego (incluindo aqui o nível de qualificação da mão-de-obra); o estaleiro da Margueira da Lisnave, bem como outros estaleiros navais; as greves; os resultados eleitorais, que revelam a importância das classes trabalhadoras; terminaremos com uma breve conclusão\*.

### ***2. População activa, emprego e desemprego***

Nos últimos anos, Almada enquadra-se na evolução da Península de Setúbal, evidenciando o crescimento paralelo da industrialização e da urbanização. Com efeito, o estaleiro da Margueira da Lisnave era inaugurado em 1967 e, em 1974, ocupava 7000 trabalhadores. Almada foi elevada à categoria de cidade em 1973. Por outro lado, os movimentos pendulares com Lisboa são muito importantes e, de

---

\*Utilizamos como fontes a bibliografia referida no final do artigo.

algum modo, o concelho funciona em parte como um prolongamento da região de Lisboa para Sul, embora desenvolva também actividades próprias. A Ponte sobre o Tejo foi um factor importante de explicação daquela mobilidade.

Com efeito, a população residente era, em 1960, de cerca de 70000 pessoas, em 1970, tinha passado para perto de 108000, em 1981, para quase 148000, em 1991, para cerca de 152000 e, em 2001, para mais de 160000 pessoas.

Quanto à população residente activa com profissão, havia perto de 60000 pessoas em 1981 e 65000 em 1991. A repartição dos sectores de actividade era de 0,9% para o primário, 28,6% para o secundário e 70,5% para o terciário. A dependência de Almada face ao emprego era significativa: os activos que trabalhavam no concelho eram cerca de 40000. Este indicador é reforçado por outro: perto de 25000 pessoas realizavam fluxos diários para Lisboa por motivos de trabalho e estudo.

A taxa de actividade passou de 44,4% em 1981 para 47,2% em 1991, mas com diferenças significativas segundo o sexo. Com efeito, a taxa de actividade masculina descia de 59,4% para 55,4% e a feminina subia de 30,1% para 39,5%. Esta evolução é simultânea com o processo de desindustrialização (o emprego industrial desce de 38,7% para 28,6% neste período de tempo), o reforço do terciário comercial e não comercial e o acréscimo do emprego na Administração Pública. O processo de feminização é paralelo ao processo de terciarização do emprego.

O concelho tem um tecido industrial muito especializado nas indústrias navais e secundariamente na fabricação de vestuário. O primeiro sector tem atravessado uma crise profunda, como veremos adiante a propósito da Lisnave. A estrutura empresarial revela que a perda de postos de trabalho se verificou principalmente nos estaleiros com mais de 500 pessoas, aumentando o emprego nos escalões das pequenas e médias empresas. Esta evolução deve ser relacionada também com a evolução da Península de Setúbal nas duas últimas décadas: crise da zona industrial mais antiga do arco ribeirinho do Tejo (Seixal/Barreiro/Montijo), expansão do investimento no arco mais dinâmico de Setúbal/Palmela, a que não é estranha a criação da AutoEuropa.

A comparação de Almada com outras regiões do País revela um perfil qualificado da mão-de-obra. Em 1995, a distribuição dos trabalhadores por nível de qualificação era a seguinte: quadros superiores (3,5%), quadros médios (2,8%), encarregados, chefes de equipa (4,2%), profissionais altamente qualificados (6,7%), profissionais qualificados (48,8%), profissionais semi-qualificados (13,8%), pro-

fissionais não qualificados (10,3%), praticantes e aprendizes (7,3%), ignorado (2,5%).

Se fizermos a análise por profissões, chegamos a conclusões semelhantes: entre 1981 e 1991, a percentagem de profissões intelectuais, científicas e técnicas passou de 8,5% para 18,8% e a percentagem de profissões de direcção e gestão de empresas de 1,1% para 4,3%. A esta evolução deve ser associada a localização de uma Faculdade de Ciências e Tecnologia, de um Parque de Ciência e Tecnologia e de diversos centros de investigação ligados a áreas de novas tecnologias e de ambiente, com "fertilização cruzada" investigação - indústria.

No que respeita à evolução da taxa de desemprego, verifica-se que, entre 1981 e 1991, ela cresceu de 8,3% para 9,0%. Este aumento explica-se pelo facto de que as diminuições de emprego nos sectores primário e secundário não foram compensadas pelos ganhos no sector terciário, o que contribui para as já referidas deslocações pendulares diárias para Lisboa para trabalhar.

### 3. A Lisnave

A instalação na Margueira dos estaleiros navais da Lisnave, em 1967, foi indiscutivelmente um factor muito relevante na expansão demográfica e na transformação de Almada. Nesta área, já havia uma tradição de importantes estaleiros navais. Em 1860, o estaleiro Parry and Son tinha construído os primeiros navios de ferro e aço em Portugal. Em 1938, o Arsenal do Alfeite, pertencente ao Estado, vem substituir o Arsenal da Marinha, que se situava na Margem Norte do Tejo. Em 1942, é criada a Sociedade de Reparação de Navios.

Em 1936, o Grupo Cuf obtém a concessão do estaleiro naval da Rocha, na Margem Norte do Tejo. Este tinha iniciado a sua actividade em 1899 e, após a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, passou por importantes alterações técnicas e organizacionais (soldadura, pré-fabricação, introdução da organização racional do trabalho, entrada de engenheiros, cursos de formação profissional, etc.).

O Grupo Cuf criou a Lisnave em 1961 e inaugurou a Margueira em 1967. Esta representa uma ruptura no modelo de industrialização vigente, em termos de capital, produção, exportação, inovação tecnológica e emprego. O empreendimento significou o aproveitamento eficaz de vários factores: posição geográfica nas rotas de circulação do petróleo, domínio das tecnologias modernas, diferenciais salariais de mão-de-obra qualificada. Para a criar, o grupo Mello associou-se a três estaleiros holandeses e dois suecos, envolvendo também capital

bancário e uma companhia de navegação. O Estado apoiou a empresa, mediante isenções fiscais e financiamentos da banca pública. O seu mercado era basicamente internacional, para aproveitar a circulação de grandes petroleiros entre o Golfo Pérsico e o Norte da Europa.

As inovações tecnológicas procuraram responder a prazos curtos na imobilização dos navios: preparação do trabalho, montagem do casco e dos equipamentos, informatização, máquinas de decapagem, dimensão das docas, uma das quais podia reparar super-petroleiros até um milhão de toneladas. A mão-de-obra era muito qualificada, para o que a empresa investiu fortemente na formação profissional, quer através da sua própria Escola, quer em estaleiros estrangeiros. Em 1974, contava com 8200 trabalhadores, dos quais 7000 laboravam na Margueira. O seu sucesso permitiu-lhe obter o estatuto do melhor estaleiro de reparação naval do mundo. Em 1971, o grupo Mello criou um novo estaleiro de construção naval em Setúbal (a Setenave).

Estes estaleiros constituíram o terreno de “experimentação” não só de novas formas modernas de gestão de mão-de-obra por parte do maior grupo económico português anterior ao 25 de Abril, como de acções e modos de organização dos trabalhadores muito significativos, no plano social e político. De facto, o colectivo operário da Lisnave, que chegou a atingir quase 10000 trabalhadores em 1977, foi uma espécie de “vanguarda” do movimento operário nas cinturas industriais de Lisboa e Setúbal.

O agravamento dos preços do petróleo no mercado internacional, a crise económica mundial de 1973, o aumento da concorrência por parte de novos estaleiros surgidos na Ásia e no Norte de África provocaram um refluxo significativo da actividade da Lisnave. A forte dependência do exterior, no que respeitava a capital, matérias-primas, tecnologia e mercado, contribuíram também para aquela viragem. Em 1997, a Lisnave já só contava com 1700 trabalhadores, dos quais 1500 na Margueira. As várias reestruturações e as negociações com o Governo não impediram que o estaleiro da Margueira encerrasse em 2000, transferindo uma parte da sua actividade para o estaleiro da Mitrena em Setúbal.

#### *4. As greves*

Os conflitos de trabalho em Setúbal têm tradições importantes, apesar da repressão.

Importa salientar, entre outras, as greves da década de 40, suscitadas por um conjunto de factores: política económica do Governo,

problemas de abastecimento resultantes da situação da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, falta de géneros, salários baixos, alto custo de vida.

Limitaremos as referências a Almada, embora as lutas se enquadrem em movimentos reivindicativos muito mais amplos. Em 1942, os operários da Parry and Son param a produção. Em 1943, entram em greve os operários das fábricas de cortiça Rankin e da Parry and Son. Em 1944, paralisam os trabalhadores da Parry and Son. Em 1947, há greves nesta última empresa e no Arsenal do Alfeite.

Em 1969, surgem movimentos de greve em vários pontos do país, entre os quais a Lisnave e a panificação de Almada.

Depois do 25 de Abril de 1974, conforme já se referiu anteriormente, o colectivo operário da Lisnave faz reivindicações e utiliza formas de acção e de organização, que fazem dele uma das frentes mais activas das lutas do movimento operário. Por outro lado, as taxas de sindicalização na Lisnave atingem valores entre 80% e 90%, o que provoca que os seus sindicatos e comissões de trabalhadores sejam formas de intervenção colectiva muito significativas, principalmente até à década de 90.

Como outras grandes empresas, a Lisnave funciona como elemento motor da acção operária, exercendo um efeito de arrastamento noutras unidades. A difusão de temas mais qualitativos é feita a partir dela. Um bom exemplo é a manifestação, em Setembro de 1974. Os operários descem à rua e vão ao Ministério do Trabalho, reivindicando o saneamento de um administrador do grupo Cuf, tema que era aparentemente impossível de negociar. No entanto, o conflito termina com o seu afastamento da Lisnave. Neste contexto, há palavras de ordem que se generalizam a outras empresas: contestação das leis da greve e das manifestações. Apesar da proibição desta manifestação, esta realiza-se, o que revela a fraqueza e as contradições que atravessam os aparelhos de Estado, incluindo os militares. A manifestação foi mais participada por parte dos trabalhadores da Margueira do que da Rocha. Os primeiros eram mais jovens, mais instruídos, mais radicais e com uma ligação menor à génese da empresa. Eram também mais permeáveis à influência política da extrema-esquerda. A partir de 11 de Março de 1975, a acção directa, espontânea e de base começa a ser substituída por uma acção mais organizada e de pressão institucional, segundo objectivos de intervenção definidos nas organizações sindicais, dominadas pela hegemonia das orientações da CGTP e do PCP. Importa assinalar que, nas eleições para a Comissão de Trabalhadores, estas últimas orientações são maioritárias entre 1975 e 1985. Em

1986, depois de anos de difícil situação económica e financeira e de um processo de reestruturação, é assinado um acordo social, com uma cláusula em que, em troca do compromisso da administração quanto ao pagamento normal dos salários, que estavam em atraso, os representantes dos trabalhadores garantem a tranquilidade laboral nos estaleiros. Este facto é paralelo à vitória da UGT para a Comissão de Trabalhadores, confirmada nos anos seguintes até 1994, ano em que a lista apoiada pela CGTP volta a ganhar as eleições. Em relação a 1986, interessa sublinhar a coincidência do “pacto social” da Lisnave com a adesão de Portugal à CEE e com o primeiro Acordo de Política de Rendimentos, que é assinado no Conselho Permanente de Concertação Social em 1987.

### 5. Os resultados eleitorais

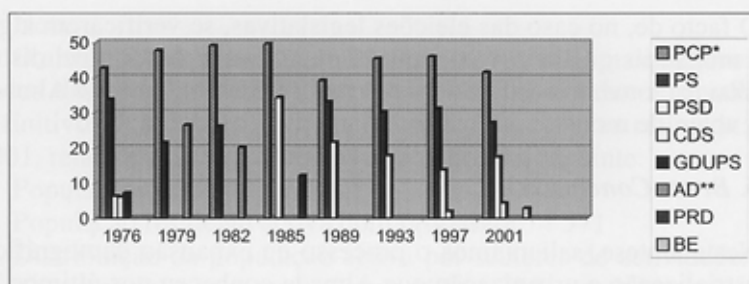
De modo geral, Almada tem-se caracterizado por um voto quase sempre predominantemente de esquerda. Este facto pode explicar-se pelas tradições e pela identidade das classes assalariadas (incluindo nestas a classe operária). A análise anteriormente feita das greves confirma a importância da memória colectiva na vida política local. Ela é reforçada pela importância das associações culturais e recreativas na comunidade existente.

Começando pelas eleições autárquicas, os quadros e gráficos seguintes mostram claramente esta tendência.

CÂMARA MUNICIPAL								
	1976	1979	1982	1985	1989	1993	1997	2001
PCP*	42,6	47,6	49	49,5	39,1	45,3	45,9	41,4
PS	33,7	21,4	26		33	30	31,1	27,1
PSD	6,2			34,2	21,5	17,8	13,8	17,4
CDS	6						1,9	4,3
GDUPS	7,1							
AD**		26,3	20,1					
PRD				12,1				
BE								2,8

\* Em 1976 o PCP surge como FEPU. Em 1979, 82 e 85 como APU.

\*\* Em 1979 a AD integrava o CDS, o PSD e o PPM.



Para a assembleia da República, com algumas alterações, a tendência não parece ser muito diferente, como o evidenciam os seguintes quadros e gráficos.

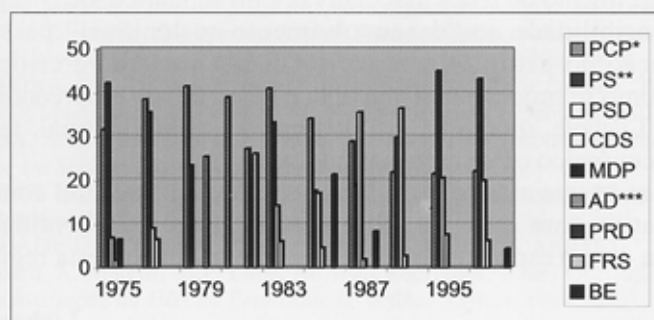
#### ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

	1975	1976	1979	1980	1983	1985	1987	1991	1995	1999
PCP*	31,6	38,5	41,5	39	41	34,1	28,9	21,8	21,5	22,1
PS**	42,2	35,6	23,4		33,2	17,6	19	29,8	45	43,2
PSD	6,8	9			14,2	17,1	35,6	36,5	20,5	19,9
CDS	1,7	6,4			6	4,5	1,9	2,7	7,6	6,2
MDP	6,4									
AD***			25,4	27,2						
PRD						21,3	8,3			
FRS				26,1						
BE										4,3

\* A partir de 1979 o PCP surge referido como CDU.

\*\* Em 1980 o PS surge em coligação referido como FRS.

\*\*\* Em 1979 a AD integrava o PSD e o PPM.



O facto de, no caso das eleições legislativas, se verificarem algumas mudanças que se aproximam de outras variações a nível distrital e/ou nacional, não impede que se reafirme a tendência de Almada para votar, de modo geral, maioritariamente à esquerda.

### **6. Breve Conclusão**

Nesta síntese, salientamos o processo de expansão demográfica, industrialização e urbanização que Almada conheceu nos últimos 30 anos. A Ponte sobre o Tejo e a criação da Lisnave desempenharam aqui um papel relevante. Verificou-se assim um conjunto de factores que atraíram população de escalões etários mais jovens, com níveis superiores de escolarização e qualificação, práticas culturais e de consumo diferentes das tradicionais.

A crise mundial do petróleo e o surgimento de novos estaleiros navais mais competitivos noutros países vieram depois contribuir para um movimento de desindustrialização, que se traduziu em encerramentos de empresas, despedimentos e rescisões de contratos de trabalho.

A terciarização traduziu-se no crescimento do comércio, dos serviços públicos e privados, do ensino e da investigação e do turismo. Conforme se sublinha em vários documentos, entre os quais o Plano Director Municipal, são aconselháveis diversas medidas: a promoção da formação e da qualificação dos recursos humanos, a valorização dos equipamentos urbanísticos e de áreas de qualidade ambiental, a reabilitação das áreas de recreio e lazer, a reconversão produtiva, a promoção da actividade cultural e artística, o desenvolvimento das sinergias entre as actividades económicas, a inovação tecnológica e organizacional, o ensino e a investigação.

Importa não esquecer que Almada é um dos concelhos com maior número de colectividades culturais e recreativas, que contribuem para o enriquecimento de redes associativas e de solidariedade.

A sensibilidade ao “desenvolvimento sustentável” passa pela valorização do património histórico. É por isso que é criticável a forma como se processaram a agonia e o fim de um empreendimento como a Lisnave, que tinha um património social, cultural, tecnológico e económico extremamente relevante.

Espera-se que a criação do Museu de Almada seja um contributo significativo para que não se percam totalmente a identidade e a memória de um espaço e de um tempo que marcaram esta região.

**Nota:**

O artigo foi elaborado pelo Autor antes de estarem disponíveis os dados das eleições de 2002 e posteriores, bem como os resultados definitivos dos Censos 2001. A informação estatística estimada para 2001, relacionada com os temas abordados é a seguinte:

- População residente: 161 825
- População residente activa com profissão: 74 571
- Distribuição da população activa por sectores de actividade: 1% para o primário, 23% e para o secundário e 76% para o terciário.
- Taxa de actividade em Almada: 50,6%
- Taxa de actividade masculina: 54,7%
- Taxa de actividade feminina: 46,8%
- Taxa de emprego industrial: 23%
- Percentagem de profissões intelectuais, científicas e técnicas: 31,7%
- Percentagem de profissões de direcção e gestão de empresas: 3,8%
- Taxa de desemprego: 8,4%

**Bibliografia**

- GUERRA, Isabel e PERESTRELO, Margarida, *Diagnóstico das Dinâmicas de Mudança, Socio – Urbanísticas na Área Metropolitana de Lisboa e Região Oeste*, Lisboa, ISCTE, Centro de Estudos Territoriais, 1998.
- Internet – [www.ccr-lvt.pt](http://www.ccr-lvt.pt)
- LIMA, Marinús Pires de, “A acção operária na Lisnave: análise de evolução dos temas reivindicativos”, in *Análise Social*, n.º 52, 1977.
- LIMA, Marinús Pires de, “A evolução do trabalho operário nas indústrias de construção e reparação navais”, in *Análise Social*, n.ºs 67-68-69, 1981.
- LIMA, Marinús Pires de, “Notas para uma história da organização racional do trabalho em Portugal (1900-80)”, in *Análise Social*, n.ºs 72-73-74, 1982.
- LIMA, Marinús Pires de, et al, *A Acção Sindical e o Desenvolvimento*, Lisboa, Salamandra, 1992.
- LIMA, Marinús Pires de, “Construção e reparação navais”, in *Dicionário da História de Portugal - Suplemento* (coord. Joel Serrão, actualização António Barreto, M. Filomena Mónica), vol. VII, Porto, Livraria Figueirinhas, 1999.
- PEREIRA, José Pacheco, *Álvaro Cunhal, Uma Biografia Política. “Duarte”, o Dirigente Clandestino (1941-1949)*, vol. 2, Lisboa, Temas e Debates, 2001.
- ROSA, Maria Teresa Serôdio, *Relações Sociais de Trabalho e Sindicalismo Operário em Setúbal*, Porto, Afrontamento, 1998.
- ROSAS, Fernando, *O Estado Novo (1926-1974)*, in Mattoso, José (dir.), *História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, vol. 7, 1994.
- UNIDADE DE AVALIAÇÃO DA OID/PS – CESO, ICS, AERSET, DINÂMIA, CET (coord. A. Mateus, M.P. Lima, M. João Rodrigues, Isabel Guerra), *Relatório Final de Avaliação da OID da Península de Setúbal*, Lisboa, 1994.